



## **DIVISÕES TERRITORIAIS E SOCIAIS DO TRABALHO EM BUENOS AIRES E SÃO PAULO: novos nexos entre o sistema bancário e prestadores de serviços financeiros**

**Villy Creuz**

Universidad de Buenos Aires-CONICET

villy.creuz@gmail.com

### 1 – INTRODUÇÃO

O estudo da urbanização através da economia política figura um amplo leque de interpretações no movimento do espaço geográfico. Entendemos que a complementariedade entre “*economia política da cidade*” e “*economia política da urbanização*” (Santos, 1994) é intrínseca ao uso do território e, nessa direção, ambas convergem à fenomenologia, já que o método compreende que os “*homens, suas objetivações e seus trabalhos, as relações humanas (...) são o que há de mais concreto*” (Sartre, 1966, p. 46).

A economia política da cidade<sup>1</sup> é a forma “*como a cidade, ela própria, se organiza, em face da produção e como os diversos atores da vida urbana encontram seu lugar*” (Santos, 1994, p. 118). Em meio a tendência à oligopolização, pequenas empresas e indivíduos sobrevivem por utilizarem os meios de produção disponíveis: energia elétrica, redes de telefonia móvel e fixa, além da Internet discada e rápida são imprescindíveis a certas atividades, sobretudo aquelas ligadas às finanças e a circulação de capital.

Poder-se-ia assumir, noutro aspecto, que o fator demográfico, ao criar demandas, é um dado matriz na economia urbana. Analisando o processo de modificações nas estruturas de mercado, Karl Polanyi, (2011, p.123), nos anos 1950, ponderava que a “*organização do trabalho é apenas outra palavra para designar as formas de vida da gente comum, isto significa que o desenvolvimento do sistema de mercado iria acompanhado de uma mudança na organização da sociedade mesma*”.

---

<sup>1</sup> “Uma economia política da cidade deve trabalhar com noções clássicas, como divisão do trabalho, as relações entre capital e trabalho, entre capital constante e variável, entre natureza e sociedade, mas, nos dias de hoje, deve também incorporar outras categorias, como a questão do meio ambiente construído e da socialização capitalistas” (Santos, 1994, p. 120).



A sociedade dá movimento à vida material, tornando indissociável a idéia da economia política da cidade e a idéia de economia política da urbanização. Tal perspectiva analítica nos desafia a direcionar as observações às manifestações de diferentes graus de organização, capital e tecnologia entre atores sociais. Essa é, a propósito, uma primeira definição da teoria dos dois circuitos da economia urbana, o inferior e o superior (Santos, 2004).

É sobre esse feito que pondera Milton Santos (1994, p. 132), ao assinalar que a “*atividade social e econômica é formada por sistemas interdependentes*”. De modo que a vida urbana é analisada enquanto “*resultado da interação destes sistemas de ação deliberada*” (Santos, 1994, p. 132). Isso supõe reconhecer os sistemas e defini-los, reconstruindo seus processos de formação e qualificando seus atuais processos. O resultado disso, é entender as modificações do uso que a sociedade faz do território.

Em tal ensejo, a diferenciação entre economia política da urbanização e economia política da cidade é imprescindível:

Ao tempo que a primeira se identifica com a economia política do território, revelando a repartição dos instrumentos de trabalho, do capital, do emprego e dos homens em uma formação socioespacial, a segunda nos mostraria como o meio construído urbano se organiza frente à produção e como todos os agentes da vida urbana encontram seu lugar em seu meio construído nesse meio construído e na divisão do trabalho (Silveira, 2011, p. 2).

Nesse sentido, Roberto Lobato Corrêa (2005, p. 280), considera que a “*cidade e a rede urbana se reatualizam, possibilitando a coexistência de formas e funções novas e velhas*”. Nas cidades, de acordo com Bernard Kayser (1976, p. 245), a “*necessidade dos consumidores evoluciona*”. Além disso, as novas condições técnicas dos diferentes países imbricam a organização dos diversos atores sociais na economia urbana. São novas organizações atribuídas a diferentes atores dentro de cada circuito.

Empresas do circuito superior, como bancos e *intermediários financeiros*, como PayPal, Pay & Go, Pay U, PagSeguros e outras, são capazes, através do investimento massivo em inovação tecnológica, de possuírem uma organização complexa interna às empresas e também participarem no mercado de ações com capital aberto, de criar mecanismos de organização do trabalho por meio de objetos desenvolvidos por eles próprios, bem como controlar no mercado urbano a distribuição da oferta de serviços e a geração de demanda por meio da publicidade.

Nesse movimento, as tecnologias, que são um dado constitutivo do espaço geográfico, redimensionam a distribuição de tarefas entre empresas, ao estabelecer um distanciamento no que se refere ao volume de capital, quantidade de funcionários, acesso ao mercado, publicidade, relação com o Estado e pelo tipo de uso dos objetos técnicos entre diferentes atores sociais.

Para alguns autores, a técnica é, ela própria, um meio e, portanto, “*esta é um uso*” (Ellul, 1968, p. 101). Para Abraham A. Moles (1975, p. 84), “*O ser humano não separa jamais os produtos, as ferramentas e os objetos, de seu uso*”. Nesse movimento, é o uso social que, através dos objetos, transforma o entorno ao reorganizar o trabalho e termina por transformar a si mesmo, num movimento circular.

É o meio técnico, como escreve André Leroi-Gourhan (1984, pp. 318-319), ao afirmar que o “*estágio do meio técnico só é apreensível a nível dos objectos que dele emanam e sua evolução só é perceptível através de experiências isoladas, parciais, boa parte das quais depende da interpretação que delas se fizer*”. Por isso nos é essencial ponderar sobre as “*qualidades das técnicas contemporâneas*” (Santos, 1998, p. 11), questionando o que nos permitem, se ampliam horizontes e mercados aos mais pobres ou, noutro sentido, restringem, vigiam, controlam e oligopolizam o território.

No período da globalização, as tecnologias costumam estar atravessadas por informações. Informações de diversas naturezas: informação sobre o uso dos objetos, informação que relaciona um objeto ao outro, informações de comandos externos (instituições, Estados, empresas), informações produzidas por veículos e redes sociais, informações de transações comerciais, bancárias e financeiras, etc. Os fluxos de informações são a constante do período atual, dando ao movimento do território temporalidades mediadas por objetos técnicos. Estes últimos, materializam relações de interdependência e complementaridade no trabalho em diversos ramos de firma.

É nessa direção que, em 1968, Jürgen Habermas (2009, p. 99) podia, diretamente, ponderar sobre a transformação na economia a partir da técnica:

no sistema de trabalho das sociedades industriais, os processos de investigação combinam-se com a transformação técnica e com a utilização econômica, e a ciência vincula-se com a produção e a administração: a aplicação da ciência na forma de técnicas e a retro-aplicação dos progressos técnicos na ciência transformaram-se na substância do mundo do trabalho.



Nesse ínterim, o processo ganhou novos aportes, configurando tramas renovadas na divisão social e territorial, bem como aumentando a quantidade de nós de circulação bancária e financeira, cuja presença redimensiona os “*círculos de cooperação*” (Santos, 2004). Daí se origina a busca particular à pesquisa: encontrar novos nexos entre os dois circuitos da economia no que diz respeito à terceirização de serviços de pagamento, à intermediação de transações financeiras e às formas de trabalho no meio construído urbano nas cidades de Buenos Aires e São Paulo. Os tipos e regularidades de consumos realizados nas cidades, em especial, nas grandes cidades, é de nosso especial interesse, já que altera a oferta dos serviços financeiros.

Afinal, como nos ensina Georg Simmel (1950, p. 21), as cidades são *sede da mais alta divisão econômica do trabalho*”, e, nesse aspecto, nos é imputada a tarefa de considerar fenômenos urbanos nos quais a presença de atores sociais concentra o comando das ações e do trabalho através da “*teleação*” (Moles, 1975). Esse fenômeno terá mais evidência nas grandes cidades como Buenos Aires e São Paulo.

## 2 – OBJETIVOS

O objetivo geral do trabalho é mostrar a relação de interdependência entre os dois circuitos da economia urbana, o superior e inferior, a partir de relações de complementariedade estabelecidos em atividades bancárias e financeiras, em duas grandes cidades latino-americanas: Buenos Aires e São Paulo.

Buscaremos reconhecer os objetos técnicos que permitem transações bancárias e o respectivo deslocamento às atividades do circuito superior marginal. Nesse sentido, demonstraremos relações de família entre objetos técnicos em São Paulo e Buenos Aires, que permeiam a existência das atividades de serviços bancários terceirizados, aos quais lhes damos o nome de comércios bancários. São eles, em São Paulo, Casas Lotéricas e Bancos Postais, e, em Buenos Aires, agentes da RapiPago e Pago Fácil.

Noutra direção, o objetivo recai sobre a presença de intermediários financeiros em transações de pagamentos digitais. Este fenômeno é de nosso especial interesse, já que constitui um relevante traço de união entre os dois circuitos, por meio da produção de vasos comunicantes que integram comercialização, distribuição e consumo em



diversos ramos de firmas. Trata-se de empresas como: PagomisCuentas, PayPal, Pay U, Pay & Go e PagSeguros.

### 3 – METODOLOGIA

O trabalho foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas em consultas às bibliotecas de Universidades públicas no Brasil e na Argentina.

Os dados apresentados são resultados de pesquisas com fontes primárias, baseados em entrevistas a funcionários de empresas abordadas no trabalho, consulta aos departamentos de relações públicas destas empresas, bem como aos balanços contábeis publicados por estas empresas em formato de Sociedades Anônimas.

As fontes secundárias vão em duas direções convergentes: a primeira, a partir de dados em jornais e revistas nos dois países; a segunda, a partir de fontes oficiais do Estado e sítios das próprias empresas.

### 4 - RESULTADOS PRELIMINARES

Nosso trabalho mostra a maneira com a qual a modernização de equipamentos ligados à execução de tarefas bancárias ampliou a participação de pequenos negócios ao ramo de serviços bancários em Buenos Aires e São Paulo.

Em outras palavras, tratar-se-ia sobre a expansão de empresas do circuito superior da economia urbana, como bancos brasileiros, argentinos e estrangeiros, Western-Union, GIRE S.A., Correios Brasileiros e Caixa Econômica Federal em direção a pequenos comércios de bairro e atividades de menor porte. É um novo fenômeno em relação aos períodos precedentes, figurado pelo maior protagonismo financeiro e informacional.

Nesse bojo, a tendência que mais se anuncia é da consolidação de comandos unificados, controlados pelo circuito superior da economia. A manifestação desse processo no território pode ser vista a partir da instalação, em diversos ramos de firmas, de comandos intermediados por objetos, redes, programas, aplicativos e *softwares*, nos quais a multiplicidade de tecnologias levar-se-ia a uma organização de trabalho hierárquica interna às empresas.

Empresas do circuito superior tendem a estabelecer uma série de métodos de controle na gestão das marcas, *layout* (“desenho”) de seus prestadores de serviços, *softwares* de integração e comunicação cujo desenvolvimento é próprio, como no caso da Rapipago, empresa do grupo GIRE S.A, ou de correspondentes bancários do Banco Itaú que utilizam computadores e programas da ITAUTEC, ramo de informática do grupo Itaú.

É daí que argumentamos que a técnica estabelece princípios de organização no interior das empresas, a partir da especificidade de cada ramo de firma, e, mais particular, a cada empresa. Em geral, cada empresa estabelece uma divisão de tarefas própria, ordenando áreas como compras de insumos, compras de serviços, *marketing* (publicidade), planejamento financeiro, planejamento de operação, planejamento de demanda, vendas, informática, produção (produtos ou serviços), diretorias e presidência, conselho de acionistas.

Nessa organização, cada área demanda atividades umas das outras, porém cada uma delas, por sua vez, exteriorizam demandas a outras tantas empresas complementares ao seu funcionamento. Esse panorama de possíveis divisões do trabalho, corrobora a trama efetiva de distribuição de tarefas, em especial aqui, nas empresas ligadas às finanças e aos bancos.

A partir das topologias reticulares do circuito superior e da teleação, outros objetos tornam-se indispensáveis na mediação entre bancos e seus prestadores de serviços: leitores de códigos de barras, microcomputadores, teclados numerais, *softwares* desenvolvidos pelas próprias empresas para o envio de informações bancárias criptografadas.

As trocas destas informações bancárias e financeiras são realizadas por meio da participação de empresas que formam a rede de códigos, números, algoritmos, estabelecidas entre consumidores e empresas<sup>2</sup>. É nesse contexto que empresas presentes em Buenos Aires como Rapipago, Pago Fácil, Full Pago, Cobro Express, Prisma Medios de Pagos, Mercado Pago e PayU, e empresas presentes em São Paulo como Casas Lotéricas, Bancos Postais, PagSeguro, Pay U, PayPal, Pay & Go ampliam seus mercados.

---

<sup>2</sup> Entre estes estão: telefonia fixa e móvel, internet, televisão a cabo, impostos, seguros, eletricidade, gás, água, escolas, serviços de saúde, recarga de cartões de transporte, pagamentos de compras realizadas na web e outros.



Para a maior parte dos bancos já não mais lhes interessa vincular funções às agências, transferindo essas operações aos prestadores de serviços bancários. Em outro sentido, os bancos também estimulam aos clientes a recorrer a serviços oferecidos pela Internet. O mais importante dessa estratégia é retirar de certas agências o maior volume possível de clientes, reduzindo custos de mão de obra e segurança.

Aos comércios ligados aos bancos, na Argentina, como locais de venda de roupas, farmácias, pequenos mercados de bairro, *locutorios*, *kioscos e outros*, da Rapipago, Pago Fácil, Cobro Express, Full Pago, e, no Brasil, Casas Lotéricas, propomos chamá-los de *comércios bancários* em decorrência de suas funções prestadas e relações de complementaridade com os bancos. Estes comércios bancários integram o terciário especializado.

Em meio à aceleração do cotidiano nessas duas grandes metrópoles, Buenos Aires e São Paulo, os comércios bancários são funcionais aos clientes, pela proximidade dos nós de circulação urbano, eixos viários, supermercados, *shoppings centers* e, muitas das vezes, pela proximidade aos locais de trabalho e residência.

A atual organização do trabalho ligado ao comércio bancário tende a construir um aparente paradoxo. Se, por um lado, aumenta a quantidade de pequenas empresas ligadas ao comércio bancário com importantes acréscimos de demandas que advêm de populações de renda mediana e baixa, por outro lado, diminui o número de empresas que administram a circulação de informações e os comandos sobre esses pequenos comércios.

Os comércios bancários estão filiados a grandes marcas que, por sua vez, pertencem ou estão associadas aos grandes bancos, como Rapipago da GIRE S.A., cujos principais acionistas são Santander Río, Citibank e HSBC; Bancos Postais em associação com Banco do Brasil e Correios Brasileiros; Casas Lotéricas controladas pela Caixa Econômica Federal; e, a Pago Fácil, da Western Union que, ainda que não seja um banco, está absolutamente associada à esfera financeira de envios e circulação de moeda no planeta.

O comércio eletrônico é um novo horizonte no conjunto de inovações, figurando um novo elemento da economia urbana. O comércio eletrônico se realiza por meio de uma *economia monetária digital*, que por sua vez, também se relaciona com o comércio



bancário, em especial, na cidade de Buenos Aires, onde o uso do dinheiro em espécie é mais corrente.

A economia monetária digital é construída a partir de fortalezas de proteção numéricas (algorítmicas) e projetadas por especialistas e empresas de sistemas de informação avançados que promovem a circulação de informações com o menor risco possível às fraudes.

A economia monetária digital é ampliada pela produção de ofertas de consumo no comércio eletrônico, resultado de uma produção de demandas orientadas e, muitas vezes, criadas pela publicidade. Nesse sentido, a publicidade e a economia monetária digital se complementam ao casar demandas por operações virtuais ao reino do desejo e da oferta de produtos, bens e serviços. Esse é um dos atuais traços da divisão do trabalho bancária e financeira.

Para que as operações de compra e venda através da rede de computadores se concretize é necessário haver a mediação de outro conjunto de empresas, chamadas de *gateways*, um dos tipos de intermediários financeiros. *Gateways* são canais de informação com dados bancários. Também se ocupam do recebimento da informação em algoritmos criptografados, o processamento dos dados e o posterior envio dessa informação aos bancos, que, por sua vez, repassam às empresas os respectivos montantes. O pagamento é feito na loja virtual, através da rede selecionada pelo cliente (Redecard por exemplo). O *gateway* faz a ponte com o banco para verificar se há saldo disponível e, em caso positivo, autoriza a compra.

O mais importante *gateway* da Argentina é uma empresa chamada *Prisma Medios de Pagos*. A Prisma Meio de Pagos foi criada em 2014 a partir da associação entre Visa Argentina e Rede Banelco, responsável pelos sistemas operativos da maior parte dos bancos privados no país. Essa empresa processa cartões de débito e crédito, produzindo tecnologias próprias de segurança contra fraude e envio de informações. No que se refere às operações, a empresa gerencia o circuito de produção, desde sua emissão até do final de cada transação, incluindo autenticação, tecnologias de segurança e reportes em cada etapa do processo.

Sobre pagamentos eletrônicos, a empresa realiza a maior parte das transações de recepção de dados, processamento da informação, transmissão aos bancos e retorno ao



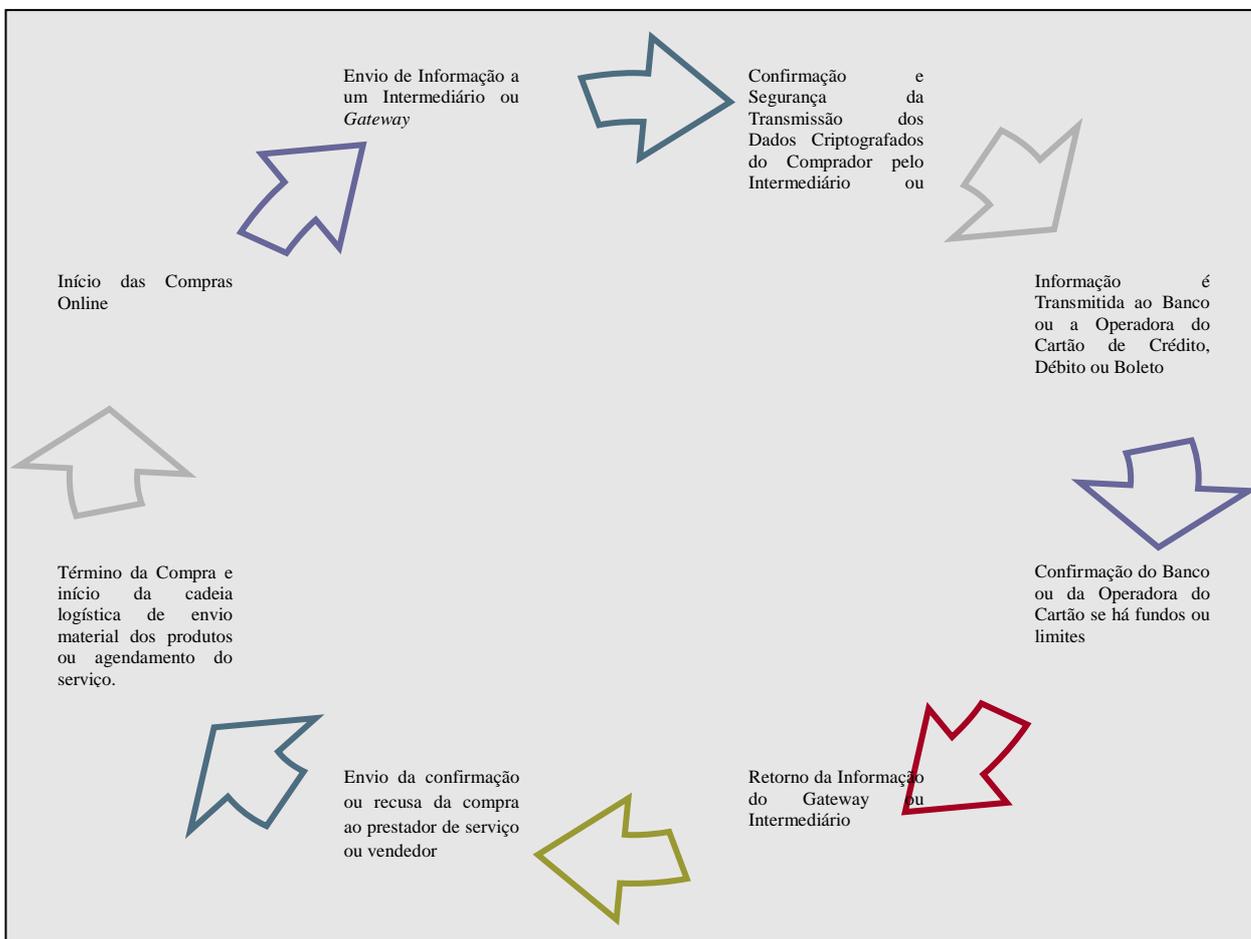
vendedor dos produtos de bens e serviços. Os principais produtos dessa empresa são Visa, Banelco, Lapos, Pagomiscuentas, Todo Pago, Monedero.

Na Argentina, 70% dos pagamentos realizados são ainda em espécie e os 30% restantes são pagamentos digitais que incluem as aplicações através de celulares. A estratégia da Prisma Medios de Pagos é aumentar o fluxo de operações digitais e diminuir o uso de dinheiro em espécie no país. Os principais acionistas dessa empresa são os Bancos Galicia, Santander Río e BBVA Francés, que por sua vez, são também emissores exclusivos de cartões VISA. Dessa relação deriva um tipo de oligopsônio, ao mesmo tempo, em que é um grande oligopólio de serviços financeiros.

É um oligopólio porque os bancos controlam a venda de serviços bancários e financeiros em diversas etapas da circulação do capital; porém, é também um tipo de oligopsônio, porque ao controlar as empresas que prestam serviços financeiros, definem, enquanto compradores dos serviços, o tipo de serviço prestado e os valores embutidos em cada operação.

Essa relação de bancos como oligopólios e oligopsônios bancários e financeiros se manifesta numa tripla integração: banco; mais o emissor do cartão de crédito; mais adquirente e processador de informações (*gateway*).

A partir das informações de dados primários fizemos esse fluxograma:



Fluxograma 1. Divisão Social do Trabalho Bancário e Círculos de Cooperação. Fonte: elaboração própria com base às entrevistas aos prestadores de serviços.

Nesse sentido, assistimos a uma profusão de serviços financeiros que aumentam a capilaridade do circuito superior na economia. O incremento de objetos técnicos na divisão de tarefas dentro do circuito superior mostra, uma vez mais, o caráter autopropulsivo do circuito superior, retroalimentando-se da concentração de capital e da diversificação de mercado em distintas atividades.

O circuito superior transfere ao circuito superior marginal, no meio construído urbano de Buenos Aires e São Paulo, através de Casas Lotéricas, Bancos Postais, locais da Rapipago e Pago Fácil, as operações presenciais de seus serviços.



Nesse enredo, o consumo atravessa os dois circuitos da economia, nos quais serviços financeiros tornam-se alicerce à nova economia política da cidade e da urbanização.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se como nos diz Immanuel Wallerstein (1985, p. 13) a “*economia do capitalismo (...) tem sido governada pelo propósito racional de maximizar acumulação*”, os objetos técnicos têm permitido a ampliação e o fortalecimento de grandes capitais, como no caso dos bancos.

Estes atores do circuito superior da economia criam laços cada vez mais intensos com sua porção marginal, protagonizada por atividades em pequenos comércios de bairro e Casa Lotéricas. Nesse mesmo sentido, o circuito superior tende a enrijecer as relações de intermediação financeira entre comércio e consumo. Este último é ampliado no comércio eletrônico.

A realidade da técnica, como propõe Jacques Ellul (1968, p. 96), refere-se a toda uma vida de relações mediadas por objetos. A decorrência desta autônoma realidade é a de que a civilização tecnicista resulte na produção de entes técnicos, isto é, homens intermediados pela técnica em relações de diversas ordens: econômicas, políticas, culturais e sociais. De tal noção, advém a concepção da qual ao homem é retirada a capacidade de decidir e pensar sobre a produção dos seus próprios projetos. E, nesse sentido, a técnica ao criar trabalho, também restringe outros tipos de trabalhos e serviços.

Já a idéia de fenômeno técnico (Santos, 1996) trata do uso técnico com o qual o homem realiza seus projetos, oferecendo ao uso da técnica um caráter libertador. Nesse sentido, a idéia de fenômeno técnico entrega ao homem a possibilidade da criação dos seus projetos, a partir do uso dos objetos técnicos no espaço geográfico e não de uma realidade *a priori* dada como fatal.

O corolário dessa noção é que, diante de situações de desigualdade, pobreza e má distribuição de oportunidades, apresenta-se novas possibilidades, fabricadas através de uma solidariedade de outro cunho moral: redistributivas, equitativas e abertas ao domínio da produção de valores públicos e coletivos.



## 6 - REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto. Lobato. *Trajetórias geográficas*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.
- ELLUL, Jacques. *A Técnica e o Desafio do Século*. Tradução: Roland Corbisier. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1968.
- HABERMAS, Jürgen. *Técnica e Ciência como "Ideologia"*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- KAYSER, Bernard. "Las transformaciones de la estructura regional por la economía comercial en los países subdesarrollados". In: Centre National de la Recherche Scientifique (1972), *Regionalización y Desarrollo*, Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1976, pp. 235-258.
- LEROI-GOURHAN, André. *Evolução e Técnicas – II O meio e as técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MOLES, Abraham André. *Teoría de los objetos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- POLANYI, Karl. *La Grand Transformación: los orígenes políticos y económicos de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A técnica em nossos dias: a instrução e a educação*. Brasília: ABMES, v. 1, n. 1, out., 1998.
- SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. São Paulo – Difusão Européia do Livro, 1966.
- SILVEIRA, María Laura. "Urbanización latinoamericana y circuitos de la economía urbana". In: *Revista Geográfica de América Central*, Número especial EGAL, II semestre de 2011. Costa Rica, 2011.
- \_\_\_\_\_. "Constitución de los circuitos de la economía urbana en la globalización". In: *Revista Universitaria de Geografía*, 25 (2), pp. 79-102, 2016.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *O capitalismo histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.